

O ressurgimento do cristianismo na morte de Deus em Gianni Vattimo

The resurgence of Christianity in God's death by Gianni Vattimo

Claudio Bonatti¹

Resumo: Pretendo aqui abordar a leitura que o filósofo italiano Gianni Vattimo (1936-) realiza da morte de Deus, expressa no pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e como esta, paradoxalmente, se tornou a possibilitadora de um filosofar cristão, assumidamente niilista. Muito mais do que uma simples metáfora anticlerical, Vattimo irá elucidar como a ideia da morte de Deus torna-se pedra-angular de um filosofar pós-moderno, sobretudo no âmbito da religião. Em sua hermenêutica apologeticamente niilista o que até então era visto como ameaça cultural e moral, a ausência de um referencial, de uma verdade objetiva e basilar que é trazido pelo diagnóstico da morte de Deus se torna elemento salvífico para o mundo multifacetado em que nos encontramos. A morte da verdade metafísica sustentáculo torna-se a abertura necessária para a recepção da multiplicidade. Para o filósofo italiano a mensagem cristã irá se consumir na secularização e na prática democrática. O autor traz a proposta de uma crença não mais fundacionista, que não almeje a pretensão de verdade indubitável e inabalável, não mais metafísica, mas agora secularizada tornada ação. Tal perspectiva visa uma contraposição às filosofias estruturadas em posturas totalizantes e fundantes que impeçam a proliferação dos ideais democráticos, e que possam vir a servir de fundamento para sistemas políticos totalitários. Seu *Pensiero debole* (pensamento fraco), como foi alcunhada sua filosofia, distante de qualquer pretensão de se ter razão a todo custo, de ser absoluta, se posiciona como uma filosofia aberta à experiência religiosa em um mundo, onde aparentemente, não se via mais abertura intelectual para uma posição religiosa.

Palavras-chave: Morte de Deus. Cristianismo. Pluralismo. Hermenêutica Niilista.

Abstract: I intend to address the reading here that the Italian philosopher Gianni Vattimo (1936-) performs the death of God, expressed in the thought of Friedrich Nietzsche (1844-1900) and how this, paradoxically, has become the enabler of a Christian philosophizing, unapologetically nihilist. Much more than a mere anticlerical metaphor, Vattimo will elucidate how the idea of the death of God becomes the cornerstone of a postmodern philosophizing, particularly within the framework of religion. In his hermeneutics apologetic nihilist what until then was seen as cultural and moral threat, the absence of a benchmark, an objective truth and basilar that is brought by the diagnosis of death of God becomes saving element for the multifaceted world in which we find ourselves. The death of truth metaphysics mainstay becomes the aperture required for receipt of multiplicity. For the Italian philosopher the Christian message will consummate in secularization and democratic practice. The author brings a belief no longer foundationer, which do not aim for the pretension of indubitable truth and unwavering, no more metaphysical, but now secularized made action. Such a perspective is a contrast to structured philosophies in totalizing postures and wrote that prevent the proliferation of democratic ideals, and which may serve as grounds for totalitarian political systems. His *Pensiero debole* (weak thought), as was nicknamed his philosophy, distant from any pretension to be right at all costs, to be sure, is positioned as a philosophy open to religious experience in a world, where apparently there wasn't more intellectual openness to a religious position.

Keywords: Death of God. Christianity. Pluralism. Nihilistic Hermeneutics.

¹Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-mail: claudio-bonatti@hotmail.com

A ideia da Morte de Deus proposta pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844- 1900) (lembrando que este não foi o primeiro a abordá-la, sendo antecedido pelo próprio Lutero², por Hegel em seu escrito de juventude *Fé e saber*, o sarcástico poeta Heinrich Heine e mesmo Hölderlin que já abordava a questão da ausência dos deuses - ambos muito louvados pelo próprio Nietzsche) é tomada por Gianni Vattimo (1936-) como uma espécie de precursora do filosofar contemporâneo, e se relaciona diretamente com um possível pensamento religioso. Será aqui descrito o modo e o porquê da concepção antifundacionalista³ a que remete a morte de Deus ser possibilitadora de um pensamento cristão declaradamente niilista. Não havendo mais fundamento em haver fundamento (VATTIMO, 2007, p.173), conforme declarará o autor italiano, dissolvendo-se, com o fim da modernidade e início do pensar contemporâneo, as pretensões metafísicas de compreensão das estruturas últimas do real, dissolução da concepção de verdade metafísica de adequação, ciente dos perigos que tais posturas trazem, e pautando-se em uma hermenêutica baseada na compreensão nietzschiana de que não há fatos, mas apenas interpretações⁴, o filósofo italiano propõe um pensamento cristão não mais religioso, mas que a consumação da mensagem cristã se dá, paradoxalmente, na secularização. Com a morte da noção de verdade objetiva expressa no anúncio nietzschiano⁵ dissolve-se também a “necessidade” de um filosofar apologeticamente ateu, o que cairia em uma concepção metafísica por pressupor a compreensão do fundamento último, da verdade objetiva, e a mensagem cristã passa a

² Essa frase (Deus está morto) tem sua origem, imaginem só, dentro do próprio cristianismo. Parece chocante, é claro: o cristianismo dizendo que Deus está morto. Mas não é tão estranho assim, caso tenhamos em mente a sexta-feira santa, em que muitos encenam e recordam (literalmente) a morte de Deus. Isso se torna mais claro se nos lembrarmos de que Jesus Cristo é, dentro da crença cristã, uma das três pessoas divinas, o Filho da Trindade; sendo assim, os cristãos podem realmente dizer que Deus está morto na Sexta-feira Santa. É justamente essa a origem da tão famosa frase usada pelo filósofo alemão: a morte de Cristo na Cruz, Deus, morto. Lutero, que iniciou a Reforma Protestante, usou essa frase em seus escritos. Inclusive, um canto luterano, que era entoado na Sexta-Feira Santa na época de Nietzsche, tinha essa frase em sua letra. Nietzsche, que era filho e neto de pastores luteranos, certamente conhecia o canto, assim como conhecia os escritos de Lutero, tendo utilizado a frase em seus livros. Assim, quando essa frase é acusada (como já foi tantas vezes) de ser uma heresia, quem acusa esquece que a chamada heresia é reconhecida por todos os cristãos num dia específico do ano. A morte do Deus que é homem, ou me valendo de uma terminologia hegeliana o espírito absoluto na particularidade, o transcendente no imanente, que expressam a “monstruosidade de Cristo”.

³ Que não visa se estruturar em um fundamento metafísico.

⁴ Afirmação que, obviamente, não deve ser tomada no sentido de verdade, mas em seu aspecto prático-vital (onde se deve buscar a “verdade” possibilitadora de um viver pleno).

⁵ Lembrando que a incapacidade de apreensão da coisa em si do real a que remete a morte de Deus já havia sido, não apenas preconizada, mas metodicamente esmiuçada por Kant, uma forte influência para Nietzsche, apesar das constantes críticas e contraposições a que são endereçadas ao filósofo de Königsberg, “o chinês de Königsberg”, como veio a lhe alcunhar satiricamente Nietzsche.

ter valor como pragma, como ação, como prática da *Cáritas*⁶. O mundo multifacetado em que nos encontramos não mais se deixa interpretar de modo a ser enquadrado a qualquer custo em uma verdade definitiva enclausurante, estrutura fundante última e inquestionável, o que bate de frente com os ideais democráticos e pluralísticos. Conforme afirmará o autor, sob a experiência pós-moderna, justamente pelo Deus-fundamento não ser mais sustentável é que se torna possível a crença em Deus. Eis o grande paradoxo, a grande ameaça que era o niilismo para o pensamento moderno tornou-se a tábua de salvação e pedra-angular do pensar contemporâneo.

O parecer nietzschiano da morte de Deus expressa pela primeira vez em sua obra nos mostra um Nietzsche como sismógrafo da cultura de seu tempo:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro.(...)– gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol?(...) Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio?(...) Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos?(NIETZSCHE, 2012, p. 137-138)

Ao declarar a morte de Deus no famoso aforismo 125 da *Gaia Ciência*, intitulado o homem louco, assim como em passagens marcantes no prólogo de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche declara não apenas a ascensão da razão traspassando a fé, conforme trazia a proposta iluminista que marcou a modernidade, mas também a ausência de um direcional que surgia. Tal ponto chave que surge no decorrer do filosofar nietzschiano não é apenas uma afirmação anticlerical, muito longe disso, enveredasse por caminhos e interpretações vastíssimas. Vattimo, em sua hermenêutica niilista irá encontrar nesse ponto um fator crucial para a reestruturação de uma filosofia cristã, que até então, aparentemente, se mostrava desacreditada. Conforme expressa a

⁶ Caridade.

famosíssima passagem da obra do grande poeta trágico Hölderlin, tantas vezes revisitada, a ponto de ser desgastada, por Heidegger, “onde mora o perigo ali também cresce o que salva”⁷, e é justamente na morte de Deus, na morte do fundamento, que se encontrará a “fundamentação” para o revigorar da fé cristã.

Antes de qualquer coisa, se faz necessária a tomada de consciência de modo claro, do viés pelo qual Vattimo olhou para a ideia da morte de Deus para que chegasse às conclusões as quais chegou. A morte de Deus, na visão do filósofo de Turim, expressa a decadência e derrocada do Deus-instituição, do Deus-fundamento totalitário, que até então, dirigia a vida humana, que se deu de modo acentuado na modernidade, no auge da ascensão do niilismo, sendo o niilismo aquilo que Nietzsche virá a denominar o “mais inquietante de todos os hóspedes” (NIETZSCHE, 2011, p. 27), o esvaziar de todos os valores, uma “nadificação” da crença nas verdades-guias⁸, como o grande possibilitador do reacender dos valores cristãos. Encarando o ser não mais como estrutura sólida, imóvel e imutável, mas como devir, como Eterno retorno do mesmo⁹ e como última fumaça de uma realidade evaporante, em uma leitura nietzschiana, ou como evento em um olhar heideggeriano, enfatizando com isso a impossibilidade de compreensão das estruturas últimas da realidade, tendo o mundo-fábula e o mundo-verdade se convertido em uma única e mesma coisa, conforme Nietzsche irá alegar no *Crepúsculo dos ídolos* (NIETZSCHE, 2006 p.31-32), em outra de suas passagens

⁷ Heidegger realiza muitas leituras da poesia hölderliana, em vários ensaios e conferências (Hölderlin e a essência da poesia, Hinos de Hölderlin, “...poeticamente o homem habita...”, dentre outros), direta ou indiretamente o poeta do romantismo alemão se encontra extremamente presente no pensamento heideggeriano.

⁸ Há que se ressaltar que há inúmeras concepções de niilismo, com vários momentos e distintas figuras como seus representantes, desde a lapidar frase de Mefistófeles no Fausto de Goethe- “Sou um negador, tudo o que foi criado deve ser destruído”-, o niilismo egoísta do neohegeliano Max Stirner, passando pelo niilismo materialista, “positivista” e progressista de crença exacerbada em uma ciência fria que não dá espaço a fé ou certos valores tomados como antiquados de Bazarov, o jovem médico protagonista da obra Pais e Filhos de Ivan Turgueniev (primeiro a usar o termo), os sombrios personagens de Dostoiévsky, até o niilismo político, o anarquismo com Mikhail Bakunin. Niilismo pode ser tomado também no sentido de anomia, conforme se vale o sociólogo Émile Durkheim. Para uma clara compreensão é sugerido a obra de Franco Volpi “*O niilismo*” publicada pela Loyola na coleção Leituras Filosóficas. O niilismo que é trazido aqui no contexto do presente artigo remete a dissolução dos valores basilares e da concepção de verdade por adequação.

⁹ O Eterno Retorno é um conceito não acabado em vida pelo próprio Nietzsche, trabalhado em vários de seus textos (Em “*Assim falou Zaratustra*”; aforismo 341 de “*A gaia ciência*”; aforismo 56 de “*Além do bem e do mal*”; e trechos dos fragmentos póstumos, que podem ser encontrados no livro “Nietzsche” da coleção “Os Pensadores”, da Abril Cultural). Ele mesmo considerava como seu pensamento mais profundo e amedrontador, que lhe veio à mente durante uma caminhada, ao contemplar uma formação rochosa. Um dos aspectos do Eterno Retorno diz respeito aos ciclos repetitivos da vida: estamos sempre presos a um número limitado de fatos, fatos estes que se repetiram no passado, ocorrem no presente e se repetirão no futuro, como por exemplo, guerras, epidemias, etc. Que remete ao poder do devir histórico e à completa ausência de um *télos*, um objetivo último a ser alcançado, ao qual o próprio real, ou os fatos se dirigem – (a volta de um messias, a revolução...).

emblemáticas, das quais Vattimo muito irá se voltar para a construção de sua hermenêutica ontológica regional¹⁰ declaradamente apologética do niilismo, o *pensiero debole*¹¹. É na força do pensamento fraco desse criativo pensador que tornou-se possível um “filosofar cristão”.

O anúncio de Nietzsche, segundo o qual “Deus morreu”, não é tanto, ou principalmente, uma afirmação de ateísmo, como se ele estivesse dizendo: Deus não existe. Uma tese do gênero, a não-existência de Deus, não poderia ser professada por Nietzsche, pois do contrário a pretensa verdade absoluta que esta encerraria ainda valeria para ele como um princípio metafísico, como uma “estrutura” verdadeira do real que teria a mesma função do Deus da metafísica tradicional. Onde quer que haja algo de absoluto, mesmo que seja a afirmação da não-existência de Deus, ainda existe sempre a metafísica, ou seja, justamente aquele Deus que Nietzsche acredita ter descoberto que é supérfluo. Enfim a morte de Deus significa para Nietzsche que não há um fundamento definitivo, e nada mais. Muito embora Heidegger não queira reconhecê-lo, um significado análogo também pode ser encontrado na sua polêmica contra aquele que ele chama de metafísica, ou seja, toda a tradição filosófica europeia desde Parmênides, que acredita que se possa extrair um fundamento último da realidade sob a forma de uma estrutura objetiva que se dá fora do tempo, como uma essência ou uma verdade matemática. (VATTIMO, 2004. p. 9)

Conforme nos ensina Richard Rorty, filósofo estadunidense e grande nome do neopragmatismo, um dos mais frequentes interlocutores de Vattimo, em *Verdade e Progresso* (RORTY, 2005), a filosofia se desenvolve e se expande por meio da criatividade e não do rigor sistemático, criatividade esta que se encontra bastante presente no pensamento do filósofo de Turim. As pretensões sistematizantes tornaram-se não apenas questionáveis filosoficamente, como muito enfaticamente nos alertou Nietzsche, por ser um engessante do vir a ser da verdade e da própria interpretação da

¹⁰ Pode-se denominar como “ontologia regional”, por não ter a pretensão de ser uma ontologia primeira ou última, que almeje a pretensão de explicar o todo – o ser enquanto tal.

¹¹ Esse termo comumente traduzido por “pensamento fraco” (pensamento débil) remete a necessidade de uma linha de pensamento necessariamente “fraca” que não se coloca como portadora de uma verdade inquebrantável, que vise o “ter razão a qualquer custo”, mas que fuja das amarras metafísicas totalizantes e impositivas, em uma completa negação as antigas pretensões filosóficas de abarcar o todo, de ser proprietário da verdade, de ter “o olho de Deus, o olhar a partir de lugar nenhum”. Este pensamento fraco que flerta principalmente com a temática do niilismo surgiu nos círculos filosóficos italianos, sobretudo a partir dos estudos de Nietzsche e Heidegger, tendo como principais encabeçadores o próprio Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovati. Tal linha de pensamento teve forte influência, sobretudo, no filósofo estadunidense Richard Rorty, frequentemente interlocutor de Vattimo em debates filosóficos. O *pensiero debole* abdica de uma postura metafísica ou epistemológica do real em função de uma postura hermenêutica, que não mais clama para a filosofia a condição de ditadora de lugar da cultura, mas se coloca na condição de intérprete, tendo uma consciência mais abrangente da condição de contingência e fragilidade da interpretação filosófica.

realidade, como se tornaram perigosas, servindo de fundamento para concepções totalitárias. Na visão do filósofo italiano um filosofar que toma o ser como estrutura sólida tornou-se completamente inviável, por correremos, com isso, o risco de um retorno ao totalitarismo. O grande problema, muito distante do que comumente se concebe não está em nossa época niilista, se encontra justamente no fato de sermos pouco niilistas, o que nos leva a concepções autoritárias, a verdades inquestionáveis ou redentoras, como diz Rorty, isto é, à violência metafísica. Com a morte do fundamento, como diz ironicamente Vattimo “não há fundamento em haver fundamento”, conforme foi supracitado, o fato de não se conhecer as estruturas últimas da realidade, mediado pelo perspectivismo nietzschiano, possibilita-se o reestabelecimento da fé cristã e retomada de um cristianismo secular não-absolutista, um forte complemento da proposta democrática pluralista contemporânea.

O mundo efetivamente pluralista em que vivemos não mais se deixa interpretar por um pensamento que deseja unificá-lo a qualquer custo, em nome de uma verdade definitiva, pois este, entre outras coisas, esbarraria nos ideais democráticos, visto que deveria afirmar – como ouvimos tantos políticos católicos dizerem, pelo menos na Itália- que o que é desejo da maioria, mas não possui sua verdade (ou seja, que contrasta com os ensinamentos da Igreja) não tem legitimidade e, portanto, em última análise, não merece a obediência dos cidadãos. (VATTIMO, 2004, p. 11)

Não há mais a necessidade de um ateísmo filosófico, já que se postula a ausência de um fundamento definitivo com a morte de Deus, já não há certeza, a verdade tornou-se fluída, ela não mais deve ser motivo de massacres. Conforme o autor afirma, somente uma filosofia “absoluta” pode se sentir autorizada a negar a experiência religiosa. O próprio ateísmo metafísico, em muito, produto das ascensões racionais, laicas e seculares que nos possibilitaram o Iluminismo, ilusoriamente considerado uma postura anti-metafísica, no que era trazido por grandes pensadores como Feuerbach ou Marx como elemento emancipador do homem acaba por tornar-se algo totalitário e absoluto tal como o fanatismo, preconceitos e a escuridão que os próprios iluministas, muitas vezes ateus como Helvétius ou Holbach, nos ensinaram a combater. Com a queda das metanarrativas expressa por Lyotard¹² dissolve-se o etnocentrismo e logocentrismo

¹² Metanarrativa ou metarrelato é um termo literário e filosófico que significa ,basicamente, a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa. É um termo que tomou o centro dos debates ao final do século XX pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), pois este considerava que se estabeleceria o fim das grandes narrativas. Um exemplo das grandes narrativas presentes nos discursos, segundo Lyotard seriam o iluminismo, o idealismo e o marxismo. O prefixo meta- tem sentido de "além

exacerbados. Apesar de não podermos nos livrarmos de nossas raízes metafísicas, podemos aparar seus “galhos” para não cairmos na violência das estruturas fundantes inabaláveis.

A morte de Deus pode ser a “derrocada do totalitarismo”, dos valores invioláveis e engessados que muitas vezes vieram a tornar-se opressivos. O filosofar já não pode mais visar pretensões englobantes e enclausurantes do pensamento como o sistema hegeliano, onde “a verdade é o todo” e podemos nos julgar vislumbrando a totalidade. Fundamentações metafísicas se autolegitimam o direito de matar pessoas, de ditar um *télos* para a realidade e um modo-padrão único de vida. A violência só se desencadeia quando um dos tantos valores pretende ser o único e valer para todos. As crenças indubitáveis e o dogmatismo se mostram os verdadeiros problemas. Conforme Nietzsche irá afirmar no *Crepúsculo dos Ídolos*, aforismo 26, há que se desconfiar dos sistematizadores e evitá-los, “a vontade de sistema é uma falta de retidão” (NIETZSCHE, 2006, p.13). A exortação nietzschiana expressa no Zaratustra que alega o crescimento do deserto niilista já não mais se torna atemorizadora. A praga lançada que é o Último homem tornou-se desejável, o homem democrático e pluralístico é também um sobrevivente do niilismo tal como o Além-do-Homem¹³, conforme é exposto ao longo da compilação de fragmentos póstumos de nome *Vontade de Poder*

de; no meio de, entre; atrás, em seguida, depois". Na filosofia e na teoria da cultura, uma metanarrativa assume o sentido de uma grande narrativa, de nível superior, supostamente, com pretensão a validade de explicação de todo o conhecimento existente ou capaz de representar ou abarcar uma verdade absoluta sobre o universo, ou sobre o sentido ou direcional do real, conseqüentemente sendo portador de um *télos* (um objetivo a ser atingido), um dado ponto ao qual se dirige a realidade. A Bíblia e o Alcorão são exemplos de metanarrativas universalmente conhecidas. Toda a obra cultural e política vitoriana pode ser considerada uma metanarrativa, tal como a “epopeia individual” Ulysses de James Joyce. É esta crença nas totalidades e na capacidade de uma metanarrativa para congregar todo o conhecimento possível que levou Jean-François a proposição da condição pós-moderna como uma reação à confiança nesta utopia. Considera-se que o “pós-moderno” é a incredulidade em relação às metanarrativas. Tais concepções são detalhadamente expostas na obra “*A condição pós-moderna*”. A obra de Lyotard é um diagnóstico da descrença em relação às metanarrativas ou metarrelatos.

¹³ O profeta Zaratustra logo no prólogo da principal obra nietzschiana pragueja contra a multidão que não lhe dá ouvidos ao anúncio do *Übermensch* (o Além-do-Homem) e ao “imperativo categórico” nietzschiano de que “o homem é algo a ser superado” e lhes fala sobre o Último Homem, aos olhos do autor, o homem fraco, incapaz de autossuperação, acomodado, massificado e arrebanhado, em outras palavras o homem democrático. Vattimo, obviamente, não é condizente com a aversão nietzschiana pela democracia. Mas vê nessa o melhor modo como, até então, conseguimos nos organizar de modo a ser possível conciliarmos as diversas perspectivas. É visível que Vattimo se baseia, antes de mais nada, no viés perspectivista e multifacetado do pensamento de Nietzsche para a formulação de seu próprio pensamento político democrático e engajado e não diretamente no evasivo pensamento político (se é que é possível afirmar haver pensamento político em Nietzsche!?!), avesso a igualitarismos. Vattimo não é alguém que concorda com a construção de massificações antinividualistas acinzentadas, -claro!- de que nos alerta Ortega y Gasset ou o Das Mann heideggeriano, mas como já foi enfatizado que crê na diversidade plural multifacetada de ser, seus ideais igualitários visam uma maior igualdade econômica e de direitos de excluídos socialmente. A “peculiar” fé secular vattiminiana pode ser tomada como uma estratégia para o aprimoramento do alcance de tais ideais.

(*Wille zur Macht*) (NIETZSCHE, 2008), os sobreviventes da ascensão do niilismo serão os homens sem necessidade de fundamentações e crenças fortes, mas que sejam fluídos e maleáveis. Conforme o pensador italiano irá afirmar o niilismo é a via da emancipação e da salvação: somente reduzindo progressivamente as pretensões absolutas, os valores e também as evidências materiais, podemos realizar uma humanidade mais autêntica e assim menos fanática, mais amigável. Felizmente a misantropia nietzschiana não foi assimilada junto de seu filosofar.

A morte de Deus é algo desejável, assim como a ascensão do niilismo, tais fatores complementares ou que expressam a mesma ideia são o que possibilitam a empatia, a caridade, a solidariedade e a compreensão com o diferente. Lembrando que morre o Deus moral, mas não necessariamente Deus. Com a morte de um fundamento cultural também não se remete com isso a uma concepção anti-etnocêntrica, e nem com isso se faz apologia ao etnocentrismo, afinal só enxergamos a realidade por meio de nossos próprios olhos, de nossa formação social e cultural, conforme nos ensinou a tradição hermenêutica, que afirma sermos “filhos da história”, herdeiros da tradição, no entanto, isso, obviamente, não quer dizer que estamos limitados a ela.

A luta contra os absolutos e pretensões metafísicas de verdades inquestionáveis que protagonizam intelectuais como o próprio Vattimo, se dá, pois, essa luta pode ser o meio pelo qual nos entendemos com os outros. Se Nietzsche nos alerta por meio do Zarathustra de que com a morte de Deus morrem também as blasfêmias contra o que havia de mais poderoso e a real blasfêmia, o real pecado, estaria em pecar contra a terra, contra o amor a terra (NIETZSCHE 2010), poderíamos dizer que para Vattimo o real pecado estaria na pretensão metafísica de “termos razão”, de sermos postuladores de verdades absolutas. A luta contra as verdades absolutas, que pereceram junto com o Deus-fundamento, e agora são meros fantasmas a nos assombrar, deve ser à base de entendimento com a alteridade, o que significa que devemos ter em comum o exercício da caridade.

Conforme o autor afirma, por meio de uma leitura heideggeriana, entendendo o ser como evento, a tarefa do pensamento passa a ser, em certa medida, rememorar sua história, Denken (pensar) torna-se Andenken (rememorar). Faz-se necessário o “salto no abismo liberatório da tradição” (VATTIMO, 2004, p.32). É nítida nesse aspecto do pensamento vattiminiano não apenas sua forte influência heideggeriana, mas também gadameriana (Lembrando que Vattimo não apenas foi aluno de Hans-Georg Gadamer,

mas também introdutor e tradutor de sua obra na Itália), onde é reconhecido o valor da tradição e que somos filhos desta e de nosso contexto histórico. Para Vattimo a hermenêutica se apresenta como um pensar “amigo da religião”, diante de que com a crítica a noção de verdade metafísica de conformidade entre sujeito e o objeto, entre proposição e a coisa, retira o fundamento para o negar, quer seja de modo racionalista, empirista, positivista, até mesmo idealista e marxista, da possibilidade da experiência religiosa. Talvez a hermenêutica não possa oferecer nenhum argumento positivo e objetivo em função de uma postura religiosa, (óbvio) o que cairia em uma contradição performativa de um pensamento que como intérprete, sensatamente enfraquecido, fundamenta um dado dogma como correspondente, como fundante, dado que, certamente, “não contém nada que se assemelha ao *preambula fidei*¹⁴ da tradição escolástica; mas certamente liquida o fundamento dos argumentos principais propostos pela filosofia em favor do ateísmo.” (VATTIMO 1999, p.72). Havemos que nos lembrar:

Somos herdeiros de uma tradição que se nutriu de valores “cristãos”, como a fraternidade, a caridade, a recusa da violência, todos fundados em uma doutrina que tem por centro a ideia de redenção e a ideia da encarnação, ou como São Paulo denomina, da Kénosis¹⁵ de Deus. Sei bem que esses valores “humanitários” da nossa tradição são precisamente aqueles que Nietzsche considerava como expressão e causa também do niilismo e da decadência, mas talvez tanto o próprio Nietzsche quanto – e principalmente Heidegger – nos orientam, igualmente, a considerar o niilismo (e o humanitarismo democrático da nossa tradição) como o caminho através do qual a metafísica vem a termo e o ser se revela (se dá) como evento. (VATTIMO, 2004. p23)

Na visão vattiminiana há um profundo parentesco entre a tradição religiosa ocidental e o enfraquecimento do ser, tal perspectiva possibilita o pensar do renascimento do sacro de forma crítica, no entanto, tal parentesco deve ser criticado sempre que fugir de sua própria inspiração pós-metafísica, em outras palavras o cristianismo torna-se “legítimo filosoficamente”, aos olhos do autor, unicamente

¹⁴ Preâmbulos da fé.

¹⁵ A Kénosis de Deus de que nos fala Vattimo remete a um conceito da teologia cristã que se refere ao esvaziamento da vontade de uma pessoa em função das obras de Deus, a doutrina do esvaziamento. Quando o autor fala de uma Kénosis do próprio Deus quer nos trazer a ideia de um esvaziamento daquele Deus totalitário, pai primordial autoritário, em função de um Deus “mais humano”, mais próximo de nós, mortais, que se dá na figura do próprio Cristo. A Kénosis divina seria o “rebaixamento ou humilhação do divino” em função de uma irmandade e amizade com os homens. Agora não mais seríamos escravos ou filhos de Deus, mas seus “amigos”. Seria este um dos mecanismos pelos quais, aos olhos de Vattimo, seria possível o nosso entendermo-nos com a alteridade. Obviamente certas posturas vattiminianas, por muitas vezes, bastante heterodoxas, nem sempre são vistas com bons olhos.

enquanto proposta de enfraquecimento do ser e encarnando o espírito do niilismo antiautoritário que emergiu da morte de Deus, mas não enquanto assumindo-se ou posicionando-se como fundacionista.

Conclui-se que, diferentemente, do terror que a ideia da morte de Deus trazia à realidade e ao contexto em que Nietzsche se encontrava, esta passou a ser algo desejável, o niilismo, sob o olhar do filósofo de Turim, não mais se torna uma ameaça, torna-se cada vez mais nítido que as reais ameaças se encontram nas pretensões ainda fundacionistas. A impossibilidade de uma compreensão metafísica das estruturas últimas da realidade a que remete a morte de Deus nos leva a uma posição de “fé agnóstica”, conforme a famosa expressão vattiminiana quando questionado a respeito de sua fé em Deus por um antigo professor “creio que creio” (VATTIMO, 2004,p.8), uma fé não mais fundamentalista, mas aberta a compreensão do pluralismo, mais preocupada em uma prática cristã dos valores base como o amor, a caridade e a empatia do que em uma certeza da legitimação da sua própria fé. A afirmação paradoxal “creio que creio”, no sentido duvidoso, “acho que creio” ou “penso que creio”, incorpora muito bem sua proposta da necessidade de uma crença enfraquecida, secularizada. A expressão paradoxal e que toma ares de piada “sou ateu graças a Deus” não o é tanto assim, é justamente enquanto herdeiro da tradição judaico-cristã, que interpreta o real como criação e história da salvação, que o pensar pós-moderno se livra, efetivamente, da metafísica objetiva ou do cientificismo e passa a ser capaz de corresponder à experiência da diversidade das culturas e da historicidade contingente do existir. Tal postura de fé pós-moderna, obviamente, em nada tem a ver com a aceitação de dogmas rígidos definidos por uma autoridade. A igreja, para o filósofo, é, certamente, importante, como elemento de coesão social, como comunidade de crentes que na caridade se unem, ouvem, e interpretam livremente a Bíblia, mas não como instituição portadora de verdade metafísica.

Referências

- NIETZSCHE, F.A *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos* ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- RORTY, Richard. *Verdade e Progresso*. Barueri. Manole, 2005.

VATTIMO, Gianni. *Depois da Cristandade*: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *O Fim da Modernidade*: Nihilismo e Hermenêutica na Cultura Pós-Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Para além da interpretação*: O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.